

**THOMAS
PAININE**

**AMÉRIKA
DA
RAZÃO**



THOMAS PAINE

**A ERA DA
RAZÃO**

Tradução:
FÁBIO ALBERTI



**PRIMEIRA
PARTE**

Profissão de fé do autor

HÁ VÁRIOS ANOS TENHO A INTENÇÃO DE PUBLICAR MINHAS reflexões sobre religião. Estou perfeitamente consciente das dificuldades inerentes ao assunto, motivo pelo qual reservei essa tarefa para uma fase mais madura da minha vida. Eu pretendia que esta fosse a minha última contribuição aos meus compatriotas de todas as nações, e que não houvesse a menor dúvida quanto à honestidade do motivo que me levou a fazer isso, nem mesmo entre aqueles que possam desaprovar o meu trabalho.

As circunstâncias que agora ocorrem na França no âmbito religioso — da total abolição da ordem nacional clerical e de tudo que está ligado a sistemas obrigatórios de religião e a artigos obrigatórios de fé — não apenas precipitaram a realização do meu propósito como tornaram extremamente necessário um trabalho desse tipo, a fim de evitar que em meio à devastação geral decorrente da superstição, dos falsos sistemas de governo e da falsa teologia nós percamos de vista a moralidade, a humanidade e a verdadeira teologia.

Da mesma forma que muitos dos meus confrades e vários compatriotas da França me deram o exemplo escrevendo a sua profissão de fé voluntária e individual, eu também farei a minha; e farei isso com toda a sinceridade e honestidade com que a mente de um homem se comunica com o próprio coração.

Eu creio em um Deus único, e em nenhum outro; e espero pela felicidade que existe depois desta vida.

Acredito na igualdade entre os homens e que os deveres religiosos consistem em fazer justiça, amar o perdão e empreender esforços para tornar mais felizes os nossos semelhantes.

Porém, para que não venham supor que acredito em muitas outras coisas além dessas que acabei de mencionar, é necessário que no decorrer deste texto eu informe aquilo em que não acredito e minhas razões para isso.

Eu não acredito no credo professado pela Igreja Judaica, pela Igreja Romana, pela Igreja Grega, pela Igreja Turca e pela Igreja Protestante, nem por nenhuma Igreja que eu conheça. Minha mente é a minha própria Igreja.

A meu ver, todas as instituições nacionais eclesiásticas — a judaica, a cristã, a turca — não passam de invenções humanas instaladas para aterrorizar e escravizar a humanidade, e para monopolizar o poder e o lucro.

Não pretendo com essa declaração condenar as pessoas que tenham opinião diferente a respeito do assunto; é delas o direito de ter a própria crença, assim como é o meu ter a minha. Mas é necessário que o homem seja mentalmente fiel a si mesmo para que obtenha felicidade. Infidelidade não consiste em acreditarmos ou não; consiste em declararmos crer em algo que não cremos.

É impossível calcular o dano moral que a mentira mental, por assim dizer, produziu na sociedade. Quando um homem corrompe e prostitui a castidade da sua mente a ponto de empenhar sua palavra professando fé em algo em que na verdade não crê, ele está preparado para cometer todo tipo de crime. Ele assume um posto de sacerdote visando à obtenção de vantagens, e comete perjúrio desde o início para se qualificar a esse cargo. Haverá algo mais destrutivo para a moralidade do que isso?

Pouco tempo depois de eu ter publicado na América o panfleto *Senso comum*, dei-me conta da grande possibilidade de que uma revolução no sistema religioso se seguisse a uma revolução no sistema governamental. A ligação adúltera entre Igreja e Estado, não importa com qual delas tenha sido estabelecida — com a Igreja Judaica, Cristã ou Turca —, proibiu por meio de punições e penas toda discussão sobre estabelecer as crenças e os princípios fundamentais da religião; e tal proibição foi tão eficaz que esses assuntos não podiam ser trazidos a público de maneira justa e aberta até que o sistema de governo fosse mudado. Assim que isso acontecesse, porém, uma revolução no sistema religioso teria evidência. Invenções humanas e artimanhas do clero seriam detectadas, e o homem recuperaria a pura, autêntica e imaculada crença em um Deus e apenas Nele.

Missões e revelações

CADA IGREJA NACIONAL OU RELIGIÃO SE ESTABELECEU SOB a alegação de ter recebido uma missão especial de Deus, missão essa comunicada a certas pessoas. Os judeus têm o seu Moisés; os cristãos, o seu Jesus Cristo, os apóstolos e os santos; e os muçulmanos, o seu Maomé — como se o caminho que leva a Deus não estivesse aberto a todos os indivíduos igualmente.

Algumas dessas Igrejas exibem livros que contêm, segundo elas, a revelação ou a Palavra de Deus. Os judeus dizem que a sua Palavra de Deus foi oferecida por Deus a Moisés, face a face. Os cristãos dizem que a sua Palavra de Deus lhes chegou por inspiração divina. E os muçulmanos dizem que a sua Palavra de Deus, o Corão, lhes foi trazida por um anjo do Céu. Cada uma dessas religiões acusa a outra de ser ímpia; quanto a mim, não acredito em nenhuma delas.

Como é necessário vincular ideias às palavras, antes de eu me aprofundar mais no tema em questão, vou tecer algumas outras observações sobre a palavra “revelação”. Quando aplicada à religião, revelação significa algo que é comunicado diretamente de Deus ao homem.

O Altíssimo tem poder para realizar essa comunicação no instante em que desejar; isso ninguém haverá de negar ou questionar.

Se considerarmos, porém, que algo foi revelado a uma determinada pessoa e a nenhuma outra, então apenas essa pessoa recebeu a revelação. Quando essa pessoa comunica o fato a uma segunda, que por sua vez comunica a uma terceira, e essa a uma quarta, e assim continuamente, o que foi transmitido a todas elas deixa de ser uma revelação. É revelação apenas para a primeira, e um boato para as demais; portanto, elas não são obrigadas a acreditar.

Chamar de revelação algo que nos é transmitido em segunda mão, oralmente ou por escrito, é uma contradição em termos e em ideias. Uma revelação tem de ser limitada necessariamente à primeira comunicação — depois dela, torna-se somente o relato de algo que essa pessoa (a quem foi destinada a primeira comunicação) afirma ter recebido como revelação; e, embora ela possa se ver obrigada a acreditar no que lhe foi transmitido, eu, por outro lado, não tenho obrigação nenhuma de acreditar. Afinal, a revelação não foi feita a mim, mas a outro indivíduo, e tudo o que tenho para provar que ele realmente recebeu a revelação é a palavra dele.

Quando Moisés disse aos “filhos de Israel” que havia recebido das mãos de Deus as duas tábuas com os Mandamentos, eles não eram obrigados a acreditar nele, pois além de sua palavra não havia nenhuma outra evidência que confirmasse a veracidade do relato. E eu não tenho nenhuma prova da ocorrência desse fato, a não ser o relato desse ou daquele historiador. Os Mandamentos não contêm nenhuma evidência de divindade; contêm alguns bons preceitos morais¹, do tipo que qualquer homem qualificado para ser legislador ou magistrado poderia produzir sem precisar recorrer à intervenção do sobrenatural.

Quando me disseram que o Corão foi escrito no Céu e trazido a Maomé por um anjo, percebi que o relato se aproxima muito do tipo de evidência indireta e prova de segunda mão do relato

anterior. Não vi o anjo com meus próprios olhos, portanto tenho o direito de não acreditar nele.

Eu soube também que uma mulher a quem chamam de Virgem Maria disse, ou anunciou, que engravidara sem ter estado com um homem, e que o homem a quem ela estava prometida em casamento, José, afirmou que essa notícia havia sido trazida a ele por um anjo. Acreditar ou não nesse relato é um direito que tenho; semelhante circunstância exigiria uma evidência muito mais sólida do que simplesmente a palavra deles a respeito. Mas nem mesmo isso nós temos, pois nem José nem Maria escreveram sobre o assunto; só podemos contar com o relato de terceiros a respeito do que ambos disseram. São boatos que se acumulam, e eu prefiro não amparar minha crença numa evidência como essa.

Entretanto, não é difícil explicar por que se deu crédito à história de que Jesus Cristo é o “Filho de Deus”. Ele nasceu quando a mitologia pagã ainda tinha alguma popularidade e fama no mundo, e essa mitologia havia preparado as pessoas para crerem nessa história. Quase todos os homens extraordinários que viveram sob a mitologia pagã eram supostos filhos de alguns dos deuses da época. Naquele tempo não era incomum acreditar que um homem tivesse sido concebido por deuses; o intercuro sexual entre deuses e mulheres era um assunto recorrente. Júpiter, de acordo com esses relatos, desposou centenas de mulheres; a história de Jesus, portanto, não tinha nada de novo, maravilhoso ou obsceno. Era compatível com as opiniões que então prevaleciam entre os denominados gentios, ou pagãos, e era nisso que esse povo acreditava na época. Os judeus, que eram absolutamente fiéis à crença em um Deus único, e que sempre rejeitaram a mitologia pagã, nunca deram crédito à história de Jesus.

É curioso observar como a doutrina da Igreja denominada cristã surge da cauda da mitologia pagã. Uma assimilação imediata

ocorre num primeiro momento, o que confere à sua figura mais célebre uma origem celestial. A trindade de Deus que então se seguiu não foi nada mais do que uma redução da antiga pluralidade, que reunia 20 ou 30 mil deuses. A imagem de Maria substituiu a imagem de Diana de Éfeso. A deificação de heróis transformou-se em canonização de santos. Os gentios tinham deuses para tudo; os cristãos tinham santos para tudo. A Igreja atraiu multidões, assim como o Panteão, e ambos tiveram lugar em Roma. A teoria cristã não é muito mais do que a idolatria dos antigos pagãos acomodada aos propósitos de poder e ganhos. Resta à razão e à filosofia abolir a fraude ambígua.

O caráter de Jesus Cristo e sua história

NADA DO QUE É LIDO AQUI PODE SER APLICADO, NEM mesmo com a mais leve nota de irreverência, ao real caráter de Jesus Cristo. Ele foi um homem amável e virtuoso. A moralidade que ele pregava e praticava foi do tipo mais benevolente; e, embora sistemas morais similares tenham sido pregados por Confúcio e alguns dos filósofos gregos muitos anos atrás, pelos quakers anos depois, e por muitos homens bons em todas as épocas, os de Jesus não foram superados por ninguém.

Jesus Cristo não escreveu nenhum relato sobre si mesmo, sobre a sua linhagem, sobre coisa nenhuma; nem uma linha do que se conhece como o Novo Testamento foi escrita por ele. Toda a história dele é resultado do trabalho de outras pessoas. Quanto ao relato sobre sua ressurreição e ascensão, foi o complemento necessário à história do seu nascimento. Por terem trazido Jesus ao mundo de uma maneira sobrenatural, os seus historiadores foram obrigados a tirá-lo de cena da mesma maneira, ou a primeira parte da história não se sustentaria.

O artifício desastroso usado para contar a segunda parte da história supera tudo o que foi contado antes. A primeira parte — a da concepção milagrosa — não permitia publicidade, portanto os

que a contaram tinham a vantagem de não poderem ser detectados, apesar de não receberem o crédito. Não se esperava que eles conseguissem prová-la porque não se tratava de algo que pudesse ser provado, e era impossível que o personagem principal da história conseguisse provar algo por conta própria.

Porém, quando uma pessoa morta ressuscita do seu túmulo e é elevada pelo ar até o céu, já é bem diferente se comparado à evidência que pressupõe a concepção invisível de uma criança no útero. Supondo-se que tenham mesmo acontecido, a ressurreição e a ascensão teriam de ser confirmadas pelo testemunho de toda Jerusalém, no mínimo, como se todos estivessem vendo a ascensão de um balão ou o sol do meio-dia. Se todos devem acreditar que determinada coisa aconteceu, é necessário que a prova disso esteja ao alcance de todos igualmente, e que seja universal; e, como a visão clara em espaço público desse último ato relatado era a única evidência que poderia confirmar a primeira parte da história, a história inteira cai por terra, porque essa evidência jamais foi fornecida. Em vez disso, algumas poucas pessoas, não mais do que oito ou nove, são alçadas à condição de representantes do mundo inteiro para dizer que viram tudo acontecer, e o resto do mundo é convidado a acreditar nisso. Mas parece que Tomé não acreditou na ressurreição e, como se sabe, só acreditaria depois que visse com seus próprios olhos e tocasse com suas próprias mãos. Eu também não acreditaria, por uma razão que parece tão boa para mim, e para qualquer outra pessoa, quanto pareceu para Tomé.

É inútil tentar abrandar ou camuflar essa questão. A parte sobrenatural contida nessa história mostra sinais claros e inequívocos de fraude e imposição. Para nós, agora, é impossível saber quem foram os autores dessa história, assim como é impossível ter certeza de que os livros nos quais o relato aparece foram escritos pelas pessoas cujos nomes eles exibem. A melhor evidência sobrevivente que

temos a respeito desse assunto são os judeus. Eles são descendentes do povo que viveu nos tempos em que a ressurreição e a ascensão supostamente aconteceram — e os próprios judeus a desmentem. Sempre me pareceu estranhamente contraditório citar os judeus como prova de que a história é verdadeira. É como se alguém dissesse: “Para provar a vocês que essa história é verdadeira, vou lhes apresentar o povo que diz ser falsa”.

Que tenha existido uma pessoa como Jesus Cristo e que ele tenha sido crucificado — modalidade de execução comum naqueles dias — são relações históricas que se inserem rigorosamente no campo do possível. Jesus pregava uma excelente moralidade e igualdade entre os homens; mas pregava também contra a corrupção e a cobiça dos sacerdotes judeus, e com isso acabou atraindo o ódio e a vingança da classe sacerdotal. Os sacerdotes lançaram sobre ele acusações de sedição e conspiração contra o governo romano, do qual os judeus eram à época súditos. Não é improvável que o governo romano tenha alimentado secretamente certa apreensão quanto aos efeitos da doutrina de Jesus, assim como os sacerdotes judeus; nem é improvável que Jesus Cristo tenha considerado a possibilidade de libertação do povo judeu do jugo romano. Foi nesse cenário, contudo, que esse virtuoso reformista e revolucionário perdeu a vida.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E
RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS OS
LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



FiqueSabendo

Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



AVIS RARA

ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM JANEIRO DE 2022